

XI O PROBLEMA e as suas er

15 Maio 1940



Houve um momento na história humana, em que os homens, fartos de cristianismo, resolveram procurar para a Vida outra solução.

Jesus Cristo tinha ensinado, como norma suprema da vida, o amor fraterno entre os homens, a dedicação, o sacrificio.

Mas esta lei exigia a cada um individualmente e de cada agremiação ou sociedade uma verdadeira abnegação de si próprio em beneficio alheio. Dar do que temos a quem não tem, perdoar as ofensas, sacrificar a bem proprio ao bem do que sofre, amar inimigos.

Dura lei que, segundo pensavam, impunha aos homens a humilhação, a renúncia à melhoria de situação económica, social ou intelectual, e, portanto, o desinteresse pelo progresso humano, essencialmente condicionado à ansia individual de ser mais feliz.

No fundo, este novo conceito de progresso, viria libertar os homens das cadeias pesadas que os prendiam diariamente ao oneroso sacrificio de si próprio, na luta titânica de vencer as suas inclinações para uma vida mais livre e mais fácil.

O liberalismo

Os Fisiocratas

Foi assim que nasceu — fruto do despartar de idéas filosóficas liberais — a *Fisiocracia*, conjunto de doutrinas que, como a própria palavra o indica, (*cratia* = governo; *fisio* = da natureza) queriam que os homens se governassem pelas leis da natureza.

Deus tinha estabelecido uma *ordem natural* com a qual cada um de nós nos devíamos conformar.

Esta *ordem natural e universal* para ser seguida, como era a vontade de Deus, precisava, evidentemente, de ser conhecida de todos.

Repugnava que Deus a estivesse a revelar constantemente a cada homem. Deveria existir, por isso, um meio fácil de cada homem conhecer a *ordem natural* ou o caminho por onde deveria seguir.

Não teria pôsto Deus, no coração de cada homem um meio seguro de se orientar? Evidentemente. E esse farol que lhe guaria os passos *involuntamente* para o seu maior bem era o seu *interesse pessoal*. Cada homem sabe qual é o seu maior interesse. Deve procurá-lo e procurá-lo *livremente*, porque é o seu caminho, dentro da *ordem* estabelecida pelo Criador.

Ora a *ordem*, por isso mesmo que é *ordem*, não pode ser *desordem*. Não podem, por isso, os interesses individuais estar em opposição uns com os outros, nem com o interesse comum. Cada homem, procurando o seu interesse — isto é: a ordem que lhe ciz respeito — trabalha, sem o saber, para a ordem colectiva.

O único caminho que tem, portanto, o Estado a seguir e *laissez faire, laissez passer*: deixar fazer, deixar passar, dar inteira liberdade individual de cada um agir conforme é o seu maior interesse.

Este principio filosófico — e, se queize-

rem religioso — da Fisiocracia liberal, estava em opção directa contra o Evangelho e a lei de Cristo. Com efeito, o preceito da Caridade opõe-se a que os homens sigam o seu interesse em qualquer circunstância. Opõe-se a que sigam o seu interesse quando este causar dano a outrem ou à colectividade.

Mas os homens acreditaram numa nova *revelação* e puseram de lado o Evangelho!

As consequências desta doutrina foram imediatas: *O Estado reduziu as suas funções* às de manter a ordem (Estado Policia) e as do ensino (Estado mestre escola); foi deixada *liberdade de concorrência* e, portanto, possibilidades de os mais fracos serem esmagados pelos mais fortes; *liberdade de trabalho* com todas as consequências da livre concorrência no chamado «mercado do trabalho» e diminuição subsequente de salários.

Mas a Fisiocracia foi mais longe. Descobriram (?) que a única indústria que dava *lucro liquido*, isto é, que produzia mais do que consumia, era a agricultura. E era a agricultura, porque supunham eles então que a agricultura não era uma indústria, mas uma actividade na qual Deus colaborava com o seu poder criador. Mas a semente lançada à terra produzia várias sementes, não por transformação orgânica então desconhecida, mas por criação directa de Deus. Ela era, portanto, um dom de Deus, dom que constituía o que eles chamavam o lucro ou produto liquido.

Mas este dom de Deus era dado, não a quem trabalhava a terra, mas a quem possuía: ao *proprietário*. Este vivia, portanto, legitimamente, dos lucros da terra, porque lhe eram oferecidos directamente por Deus!

As outras indústrias, nas quais Deus não colaborava com o seu poder criador, eram estérteis, pois produziam apenas aquilo que consomiam. Os agricultores, os artistas, os operários, os que exerciam uma profissão liberal, só tinham direito de viver à custa do seu trabalho. A classe nobre, a classe amiga de Deus porque d'Ele era tão presentada, era a classe dos proprietários da terra que eram ao mesmo tempo — e deviam sê-lo — os detentores do poder.

A Fisiocracia dividiu, pela primeira vez na história, a sociedade em classes, sobrepostas umas às outras e fi-lo, mais uma vez, contra o Evangelho e contra Cristo, que tinha ensinado que somos todos irmãos.

Os fisiocratas quiseram resolver o problema social nascido da decadência das Corporações, não pelo seu natural remédio que seria voltar aos principios do Evangelho, mas por um remédio novo que consistiu em estabelecer principios filosóficos e morais inteiramente opostos ao Evangelho. Cavou a ruína moral da humanidade, pelo perdimento dos mais fortes e pela divisão da sociedade em classes.

O que até então existia — clero, nobreza e povo (o clero formando a ordem espiritual, a nobreza a elite dirigente, e o povo o conjunto de todos os cidadãos sem distincção) foi substituído pelas classes sobrepostas umas às outras, com in-

teresses opostos e, portanto, pronta para a luta. Foi aqui que nasceu a luta de classes.

O liberalismo clássico

Sucedeu aos Fisiocratas, na ordem cronológica e na ordem lógica, o liberalismo clássico de que foi fundador o *conde Adam Smith*.

Partindo da mesma base da *ordem natural* e da mesma doutrina de que cada homem conheceria a *suu ordem* quando do-se apenas pelo seu interesse particular, evidentemente para ele como para os fisiocratas sempre em harmonia com o interesse comum, Smith lançou as bases da ciência económica, pondo em relevo a espontaneidade das instituições económicas.

Para él, a única fonte de riqueza não era, como para os fisiocratas, a agricultura, mas o *trabalho*, pois só este produzia. E produzia, não tanto para o próprio como pelo facto espontâneo e natural da *divisão do trabalho*.

A sociedade deixa, por isso, de estar devida em classes sobrepostas para passar a constituir uma série de *empresas* juxtapostas (a par umas das outras) e ligadas entre si pela *troca* dos productos de cada uma.

A ordem e a felicidade social estabelecem-se então ao deixar cada uma agir livremente, procurando o seu maior interesse. Instituições várias, todas nascidas livremente e espontaneamente regulariam as relações de umas com outras.

As principais dessas instituições eram:

- a) a *moeda* que vinha facilitar e tornar praticas as trocas entre elas;
- b) o natural espontâneo *aumento da capital* que seria o verdadeiro factor da riqueza;
- c) a *adaptação da oferta à procura*, pelo mecanismo da livre concorrência.

O industrialismo mal tinha ainda feito o seu aparecimento e Smith não previa as consequências das suas doutrinas no terreno social.

Se cada industrial deveria procurar o seu maior interesse, é evidente que isso estava em produzir o mais barato possível para ganhar mais do que os outros e vender muito. Mas a diminuição do custo da produção não se poderia fazer de outra maneira que não fosse a deminuição do preço da mão d'obra. E foi para aí que todos caminham.

Esta deminuição exigiu:

- a) redução de salários a um nível *insuportável*;
- b) aumento das horas de trabalho;
- c) emprego do trabalho feminino e de menores, por ser mais barato.

O maquinismo veio facilitar a tarefa humanizada dos industriais.

Cada máquina que se montava substituía o desempenho de uns tantos trabalhadores. Estes semi-trabalho, precisando de viver, iam fazer concorrência aos operários com trabalho. E como o preço dos salários era regulado pela lei da oferta e da procura (quando dois operários correm atrás dum patrão, o salário baixa; quando dois patrões correm atrás dum operário, o salário aumenta) os salários baixaram e baixaram con-

nome sável i... Nas multid... à marg... corrên... tavam, dos in... duos c... do rico... miserá... Esta quem... feita d... mente d... Quer das cor... mo fez... da escr... foi do... no secu... sos dias... Mas e... procur... Pela o... Não, encon... beralim... guladora... preço d... bem do... Pela cr... social q... rios? Tam... zesse en... judicaç... Os in... seria o... único p... mentos... trabalho... salários... sariam a... O libe... trabalho... las mesm... merço d... human... mal, imp... mais cal... recusou... médio qu... tá-lo ser... e o valor... Ainda... para aí... todos caminham.

Esta deminuição exigiu:

- a) redução de salários a um nível *insuportável*;
- b) aumento das horas de trabalho;
- c) emprego do trabalho feminino e de menores, por ser mais barato.

O maquinismo veio facilitar a tarefa humanizada dos industriais.

Cada máquina que se montava substituía o desempenho de uns tantos trabalhadores. Estes semi-trabalho, precisando de viver, iam fazer concorrência aos operários com trabalho. E como o preço dos salários era regulado pela lei da oferta e da procura (quando dois operários correm atrás dum patrão, o salário baixa; quando dois patrões correm atrás dum operário, o salário aumenta) os salários baixaram e baixaram con-

tribui... sastre li... so Ebran... se tam... uma mora... Sensibil... trosa do... cial, acred... mesmos p...

luno»

ARX

LARX

LARX

OCHA
JOC

os Padres, os animo primi... dadeza palavra

lha, quando a... rios, a produ... recias), quan... a economia... na começou a... da Igreja? ...ta? ...am. preco... familia como

ntividades? ...gos católicos... o depois de... lhar era con... católica, que... o ser interpre...

Teologia cató... à Revolução... zia-me baixi... bergh, em... Dejouray, redigiu o Cr... cional de Fé...

so seu dever... na, nas vespé... ais leve taia... de dessas epo... o problema

tágo. Rigorosamente ser operário — classe... dizer: não tem o mesmo sentido) mas encontrar, na biblioteca do Rei Albu...

SOCIAL Não está

erentes soluções

nuamente até ao nível mínimo indispensável à vida.

Nasceu assim o proletariado, essa multidão imensa de trabalhadores postos à margem pela máquina, que faziam concorrência aos outros operários e aumentavam, sem pensar, a margem de lucro dos industriais. Foi assim que nasceram duas classes novas: a do proletário e a do rico industrial — aquele sempre mais miserável e este sempre mais rico.

Esta situação não foi o Cristianismo quem a gerou. Nasceu duma doutrina feita de propósito para se opor precisamente ao cristianismo.

Querendo resolver a questão social das corporações decadentes, o liberalismo fez reviver a antiga questão social da escravatura — que outra coisa não foi do que a situação do proletariado no século XIX e ainda em parte em nossos dias.

Mas esta questão social que provocou procurou o liberalismo resolvê-la.

Como?
Pela organização dos operários?
Não, porque tal organização iria de encontro ao dogma fundamental do liberalismo da livre concorrência como reguladora suprema e infalível do justo preço das mercadorias e portanto também do trabalho.

Pela iniciativa do Estado ou dos patrões criando instituições de carácter social que aliviassem a sorte dos operários?

Também não, pois tudo o que se fizesse em favor dos operários seria prejudicial a eles próprios, convencendo-os de que a sociedade lhes devia valer.
O único meio de resolver a questão seria o de eles próprios se salvarem pelo único processo viável: limitar os nascimentos de forma a fazer a escassez de trabalho no mercado. Assim o preço dos salários aumentariam e os operários passariam a ter vida melhor.

O liberalismo reduziu, como se vê, o trabalho a uma mercadoria, regulado pelas mesmas leis por que se regulavam as mercadorias. Desconhecendo a natureza humana do operário, fez d'ele um animal, impôs-lhe leis brutais e reduziu-o à mais calamitosa das misérias, pois este recusou-se e muito bem a tomar o remédio que o liberalismo receitava. Aceitá-lo seria sugar a sua própria natureza e o valor do esforço dos seus braços.

Ainda hoje muita gente pretende resolver o problema social pela mesma lei de oferta e da procura, aconselhando os operários a sacrificarem os seus instintos genésicos e recusando-se obstinadamente a melhorar os salários por livre vontade e por reconhecimento do valor e da dignidade da vida humana.

O socialismo

Atribuindo à Igreja as culpas do desastre liberal, não quis o socialismo ir ao Evangelho buscar o remédio, voltou-se tormalmente contra elle e pretendeu criar uma moralidade nova.

Sensibilizados pela evolução desastrosa do industrialismo no terreno social, acreditando, fundamentalmente, nos mesmos princípios filosóficos dos libe-

rais, atacaram o direito de propriedade privada que consideram como causa da exploração de que eram vítimas os operários.

Os utopistas — Na ideia de criar um meio social novo que permitisse a vida sem propriedade individual, surgiram vários doutrinaadores colectivistas a preconizar a organização de associações de trabalhadores.

Saint-Simon e seus discípulos acreditaram que o único valor social era a indústria e que toda a espécie de propriedade privada (salvo talvez o capital necessário à indústria) era exploração do trabalho. Desconhecendo que a vida social tem outras realidades, defenderam um sistema politico puramente imaginário que não ponde resistir às criticas dos seus adversários.

Robert Owen, Fourier, Luis Blanc, cada qual imaginou o seu sistema de associação que suprimisse pouco a pouco a propriedade e preparasse os homens para a vida em comum.

Para todos elles, porém, uma coisa era comum: a negação do espirito de Deus. Desceram, por isso, ao ataque violento à religião e fizeram-se pregoeiros duma moral em que o único mandamento era o trabalho. Não foram mais felizes nas suas utopias do que os seus antecessores saint-simonistas, mas a porta estava aberta para mais arrojadas arremetidas contra a ordem social tradicional.

Proudhon, pai do anarquismo, lançou, também o seu grito contra a propriedade privada enquanto ella conferia ao proprietário o direito de receber um rendimento (juro, renda, aluguer, beneficícios, ágio, descontos, etc.) sem trabalho. Neste sentido, a propriedade era um roubo.

Esta exploração vem sendo contida há tantos séculos por uma minoria contra a maioria, porque os operários não se deram ainda conta de que o seu trabalho colectivo era mais rendoso do que o trabalho individual. O proprietário que ocupa vários trabalhadores, paga-lhes o trabalho individual a cada um, e estes ficam satisfeitos. Mas fica para si com o rendimento maior que lhe dá o trabalho feito em comum e é à custa d'ele que enriquece. O remédio contra este roubo capcioso está em suprimir os direitos que a propriedade concede de receber beneficio sem trabalho. Isso só será possível no dia em que o juro fôr suprimido.

Como os seus antecessores, Proudhon raciocinou como se o mundo fôsse composto de homens imaginários e como se a sociedade pudesse ser governada de forma tão simplista.

Carl Marx, fundador do socialismo que se apeliou de científico, caminhou por sendas um pouco diferentes.

Partidário acerrimo das ideias liberais, levou estas às suas últimas consequências e pretendeu fundar um sistema que viesse, por fim, estabelecer a justiça e a igualdade entre os homens.

O seu ponto fundamental era que todo o valor das coisas provinha do trabalho nelas encorporado, donde tirou a

(Continua na página 6)

NA debatida questão social que não vem já dos nossos dias, mas que em nossos dias toma aspectos de uma culminância nunca atingida, momentaneamente depois da guerra europeia, em cujo desfecho muitos põem a esperança da solução d'esse problema que se vem arrastando há séculos sem fim, tocam-se, em resumo, três aspectos que são por assim dizer os pilares de um mundo novo, onde a justiça e a equidade corram parelhas a satisfazer as necessidades e as ansias dos homens.

Esses três aspectos são: o económico, o intellectual e o moral.
Nesta trilogia assenta toda a esperança de equilibrio e de justiça, mas, o facto de o problema económico anteceder a dois restantes não é obra de mero acaso e antes toma o primeiro lugar porque da sua solução depende a consecução dos outros dois pontos.

Na verdade, pedir ao homem um maior aperfeiçoamento das suas faculdades intellectuais e melhor aproveitamento de valorização espiritual, pedir-lhe uma regra de conduta moral que o imponha o faça desprezar e vencer todas as paixões demandadas da sua tendência para o mal, nem se pode conseguir, nem se pode exigir, enquanto o problema económico absorver as suas faculdades, os seus cuidados, a sua vida, numa palavra.

Condição essencial do aperfeiçoamento humano, moral e intellectualmente, é a satisfação das necessidades materiais da sua vida, ao menos, duma forma bastante e suficiente.

«Primum vivere...» e «nã se prega doutrina a estômago vazio», são duas verdades que sobredamam todas as realidades da vida.

É baldado o empenho e o esforço de valorizar intellectualmente o ser humano

e de o carrilar numa vida de a vida material se liberta penosa e sem compensação que o livre das garras da fôrça, ou mesmo, e só da in cada dia.

Entre nós, particularmente, nunca foi resolvido, o caso que a guerra viesse como solidadoras conspecificações, mas povos que dela estão a provar e constatar que as económicas dos trabalhadores estiveram sempre aquém das solidares e muito em atraso a rarmos as de outros trabalhadores.

Se antes da guerra já se viu vel interior ao que se seria depois da guerra tanto pior agravou a dureza de algumas de algumas classes.

Não nos detenhemos, porém, vamente, que já de si seria suficiente de urgência duma in Pretende-se, e é verdade, o de ordenados nesta fase vida de hoje, seria a entrada vicioso da carestia da vida e dos de proventos, tal qual guerra anterior.

Mas é este argumento me para se remediar a situação tibia até antes da guerra e a guerra?

Farcemos, por outro lado, das estatísticas e balanços que a margem de lucros das pães e dos grandes estabelecimentos, em face de um maior preço de negócios provenientes guerra, accusam um aumento que não é para desprezar na e pais.

Influência das Encíclicas no

Dentre os aspectos variados por que se afirma o valor das Encíclicas sociais surge, como um dos mais interessantes, ponderar a sua influência no Mundo do Trabalho. Fazê-lo importa dar, em breve esboço, uma ideia enquanto páldo, do ambiente social que os determinou e condicionou para, ao depararmos com os obstáculos doutrinares, sentimentais, económicos, mais admirarmos os autores que houveram a nobre audácia de as escrever e impôr ao mundo e o que é muito mais, lograram ver aceites e postos por obra as ideias e instituições nelas preconizadas.

a) Ambiente social

A Encíclica «Rerum Novarum» opera como uma reacção contra duas ideias dominantes no século XIX:

O automatismo de Kant, criador do homem individuo, centro e Deus de si mesmo, concretizado no liberalismo — me dizia de endinheirados que em nome da Liberdade, sugam o sangue do proletariado, novo escravo do capital e o pantheísmo de Hegel, criador do Estado omnipotente, ser imperial e terreno, substituição de Deus ser transcendente e pessoal, perante o qual o homem é uma molécula informe da Zoologia humana.

Por seu turno o maquinismo cada

b) Influência doutrinal

A admiração, ó parte alguns contraditórios mesmo de católicos, foi a nota dominante do momento feito à vez dos Papas. A simples admiração há a tradição das ideias vigentes, sóbriamente não esquecida e falseada rário.

Ao conceito de simples factu trabalho apreciado, unicamente de Leão XIII «segundo o vai braço» as Encíclicas proclamam dignidade de homem, exaltar pela de cristão» com os deveres sagrados de prover, o seu esforço, da sua honestidade, da congrua sustentação da mulher e dos filhos.

O operário já não deve ser rido «como um accésario da n afirmará Bricouir no parlamento Luxemburgo: nem tratado como o Coke e o carvão corroborar tins num Congresso de Operários; nem «como uma espécie mal de carga» ajuntará o P. Pascal.

A aristocracia e burguesia, vamente dignas deste nome, u lhar da propriedade tendo u lha estima e valia o compo

O Problema Social

(continuado da página anterior)

conclusão que o produto do trabalho pertencera inteiramente ao trabalhador.

Na realidade, porém, o operário só recebia uma pequena parte, pois o resto, a parte do lucro, ficava o capitalista com ela. Como se explicava então esta exploração do operário feita pelo capital?

De maneira muito simples. O trabalho é uma mercadoria como outra qualquer, com esta simples diferença: enquanto todas as outras mercadorias (máquinas, ferramentas, instrumentos de trabalho, etc.) produzem tanto quanto consomem, o trabalho, esse, produz mais do que consome. Assim, um operário, para se sustentar em condições de poder continuar o seu trabalho, consome por dia substâncias que valem, por exemplo, 5 horas de trabalho. Como essas substâncias valem de facto 5 horas de trabalho e como o valor do trabalho do operário é igual ao valor do trabalho que custaram a produzir as substâncias que ele consome, o salário do operário tem de ser correspondente a 5 horas de trabalho. É o justo salário.

Mas o operário não trabalha só 5 horas: trabalha 10. Dá assim ao patrão um *sobree-trabalho*, isto é, 5 horas de trabalho gratuito. O patrão está a lucrar a *mais-valia* do trabalho, porque é esta a única mercadoria que produz mais do que consome.

Sendo assim, o patrão inteligente tem tudo a lucrar em aumentar as horas de trabalho e em diminuir o custo de produção das substâncias com que se alimenta o trabalhador. Como a mulher e a criança consomem menos substâncias, irá empregar o trabalho feminino e de menores em larga escala.

Fundamentalmente o marxismo é isto, pois todo o resto são conclusões deste princípio.

A concentração dos capitais nas mãos de poucos, a expropriação pela colectividade do capital acumulado nas mãos de meia dúzia dos multi-millionários, a supressão das classes, tudo será efeito da evolução fatal destes factos económicos.

Não seria preciso, para se chamar à ditadura do proletariado, fazer revoluções nem greves. Automaticamente lá se chegaria.

Porém, quanto mais depressa se chegar lá, menores serão os sofrimentos da humanidade.

Convém, por isso, apressar a marcha do progresso, pela luta das classes — luta, aliás, que sempre existiu.

Lutaram primeiro os mais fortes para expoliar os mais fracos e as classes mais fortes, através da história, passaram a vida sempre a lutar contra as classes mais fracas. Quando estas estiverem de todo expoliadas e quando os mais fortes, lutando já entre si, tiverem reduzido à miséria a quasi totalidade da humanidade, então dar-se-á a derradeira expolição dos fortes pela multidão dos fracos — acabarão as classes para ficar uma só — a dos proletários — e acabarão as lutas.

Para não reviverem, tem o Estado de ser o possuidor de tudo e cada qual receberá então só pelo seu trabalho e em conformidade com o seu trabalho.

O marxismo fundou a sua doutrina na luta entre as classes. Fez depender o progresso humano dessa luta. Por isso incitou ao ódio, à guerra, à rebelião.

Apesar do próprio Marx, no fim da sua vida, foi reconhecido a fraqueza da sua doutrina toda assente na teoria que todo o valor depende exclusivamente do trabalho; apesar de os factos terem mostrado — e nisso serem todos concordes — que a doutrina marxista caiu toda pela base, o que é certo é que o marxismo apaixonou os multitudes. E apaixonou-os porque foi um movimento *exclusivamente operário*, com uma mística sedutora, a da luta e com uma promessa não menos sedutora: a de acabarem todas as injustiças sociais pela redução da sociedade a uma só classe — a classe proletária — e pelo paga do trabalho conforme o seu valor.

Pôsto também no extremo oposto do cristianismo que manda que os homens se amem uns aos outros, o marxismo cavou a ruína da sociedade e preparou os homens para a guerra.

O anarquismo

O anarquismo é o resultado da fusão das ideias liberais e socialistas.

O liberalismo vai buscar a exaltação da liberdade individual e a crítica do Estado. Ao socialismo toma de empréstimo as ideias da exploração do trabalhador e a crítica da propriedade.

Dividido em duas correntes, uma que vê como única realidade a humanidade, o anarquismo exalta o valor do indivíduo e a sua liberdade absoluta.

O liberalismo tinha reduzido as funções do Estado. O anarquismo suprime-o, porque o Estado é a opressão. Não só o Estado, mas qualquer forma de autoridade é a opressão.

nhor absoluto de si mesmo. Tudo o que contraria a liberdade — Estado, autarquias locais, leis, regulamentos, associações, família, etc., tudo deve ser suprimido.

A razão individual e a ciência devem ser as únicas normas de vida para os indivíduos.

A corrente que tem como chefe, Bakonine, Kropotkin, Reclus e João Grave, exaltam a humanidade, divinizam-na e exigem que cada qual respeite nos outros a sua *humanidade*. É mais civilizador do que a corrente chefiada por Stirner que, vendo no indivíduo a única realidade, faz a exaltação da força e *reduz o direito à força de cada qual*. «O tigre que me ataca, tem razão; eu que me defendo tenho também razão». «Tudo aquilo que me apetece é legítimo, desde que tenha a força suficiente para adquirir aquilo que me apetece».

Numa palavra, o anarquismo, em qualquer das suas fórmulas, tem a liberdade mais absoluta como o único meio de justiça social e tranquilidade humana.

Desconhecendo outras realidades, o anarquismo limita-se a copiar o cristianismo muito mal copiado. Em parte que diz respeito à dignidade humana, se que, até às suas últimas consequências o liberalismo e, indo buscar um pouco ao socialismo, apresenta-nos uma doutrina que é uma mistura de doutrinas. Mistura be n harmonizada, por certo, mas que não tem sequer o valor da originalidade.

O comunismo

O comunismo é, por sua vez, uma fusão do marxismo e do anarquismo. Não percamos tempo com ele, pois a experiência da U. R. S. S. é a negação das doutrinas dos mestres.

O cristianismo

Quão diferente é a solução apresentada pelo cristianismo; e tão sabiamente exposta nas Encíclicas sociais!

Em duas palavras se resume. Deus criou o homem num paraíso de delícias. Para que este reconhecesse os direitos de Deus, impôs-lhe um preceito. O homem faltou. Foi expulso do paraíso e condenado a comer pão com suor do seu rosto. Dotado de uma alma imortal, o homem era destinado ao Paraíso celestial. A sua queda privou-o desse destino. As portas do céu fecharam-se para ele.

Condoído da sua sorte e porque Deus amava o homem, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade desceu à terra, fez-se homem como nós e ofereceu à Trindade Santíssima, como reparação dos nossos pecados, o sacrifício do Seu sofrimento e da Sua vida, para que de novo o homem voltasse a recuperar o que a sua desobediência lhe fizera perder.

Mes Jesus Cristo — Homem e Deus — não se limitou a reparar o nosso pecado. São os homens que se reconhecem e amassem o dom de participação da Sua própria natureza divina, de serem, por adopção, filhos de Deus.

O homem é, portanto, primeiramente, a imagem de Deus na sua alma imortal e, em segundo lugar, participante da própria natureza divina por dom gratuito de Deus.

Jesus Cristo serviu-se de muitas imagens para fazer compreender esta grandeza a que era elevado o homem: «Eu sou a caba e vós os ramos da videira». São Paulo diz que somos participantes da natureza divina, que Jesus Cristo é o irmão mais velho de muitos irmãos, que Jesus Cristo forma conosco um só Corpo místico de que Ele é a cabeça.

Esta identidade é tal, que Jesus diz que é o pobre de pedir, o chagado, o que sofre. Nós e Ele não fazemos senão um e nós próprios devemos ser um, porque somos todos membros de um só todo que é o Corpo Místico de Cristo.

Se assim é, já compreendemos a razão porque Jesus nos impoz o preceito de nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou a nós, isto é, até dar a sua Vida por nós. Já compreendemos porque nos é imposto o dever de fazer bem mesmo a quem nos faz mal, pois nos nossos irmãos não temos que ver um concorrente, mas o próprio Cristo vivo entre nós. Cada um de nós constitui um todo à parte mas unido, por assim dizer, pela mesma vida que circula em todos nós. Mesmo aqueles que, pelo pecado, estão separados de Cristo se não são membros do mesmo Corpo, podem vir a sê-lo e nós respeitamos neles a imagem de Deus.

Numa união assim tão íntima entre nós, numa fraternidade mais real que a fraternidade que nos dá o sangue dos mesmos pais, não se pode compreender a luta, a guerra, a exploração, a indiferença.

e as suas diferentes soluções

Aplicado esta doutrina ao terreno social, que veremos nós?

O patrão vendo no seu operário um irmão em Cristo, o próprio Cristo que em si própria vive. Tudo o que fizer ao seu operário é a Cristo que o faz. O operário vendo no seu patrão um irmão a quem deva amar.

Salários baixos, lucros excessivos, condições de trabalho violentas, não podem existir numa sociedade cristã. Miséria, fome, privações também não podem existir, enquanto houver que comer.

Os preceitos do Evangelho são claros: «Tens duas lúnicas? Dá uma daquelas que não tem nenhuma». «Vê o teu irmão em sofrimento? Chora com ele e olvíva a tua dor».

O Cristianismo condena o egoísmo como o pior dos pecados, porque fazer mal a alguém, roubar no salário, privar o seu semelhante do necessário para viver mais regulamentado, é roubar a Deus, é ofender a Deus.

Amar o próximo até ao sacrifício é a única solução do problema social.

Num Estado cristão até a própria autoridade veria as suas funções reduzidas a pouco. E a autoridade não é o domínio de uns homens sobre os outros, nem de uma classe sobre as outras: é uma participação do poder de Deus para estabelecer as normas comuns da vida social e para castigar ainda neste mundo os desvarios daquelles que não queiram cumprir os seus deveres de fraternidade.

O detentor do poder não é, portanto um senhor dos outros. É o servo de todos, pois a sua missão é servir os seus irmãos em nome da autoridade que Deus lhe confere. A autoridade assim compreendida não é opressão, é libertação. Obedecer é ser servido por quem manda.

Na doutrina cristã, toda a nossa actividade é dirigida para o maior bem de todos os nossos irmãos. Se alguma coisa não queiramos cumprir os seus deveres de fraternidade, prejudicamos a colectividade, essa actividade é má.

Servindo o nosso próximo, servimos a Deus e nem sequer temos outra forma de amar a Deus do que amar o nosso próximo.

E partindo desta realidade que as Encíclicas sociais exigem o respeito pelo trabalhador, reclamam o salário familiar, pedem a repartição das riquezas, reclamam liberdade de organização, protestam contra a fiação, a exploração, as injustiças sociais.

Quão longe está o respeito pela humanidade e pelo homem imposto aos homens pelo cristianismo e o respeito que é imposto pelo anarquismo! É este supõe que a Humanidade é Deus. Nós vemos na Humanidade a imagem de Deus e em cada homem um filho de Deus, irmão de Jesus Cristo, um participante da própria natureza divina.

E que diferença entre o nosso Deus e o deus deles!

Trabalhadores! Sede cristãos. O cristianismo vos salvará, pois é a única doutrina que tem na devida conta o vosso verdadeiro e real valor.

Mas ser cristão é viver como cristão. Não sobri como filio-anarquismo! Este tudo Operária Católica ou na Liga Operária Católica e lá aprendereis a ser cristãos.

Operários! Nós faremos cristãos os nossos irmãos! Nós faremos cristão o mundo!

D. S. — Num trabalho para um jornal e em que o espaço é necessariamente limitado a umas poucas de colunas, não nos é possível dar das diferentes doutrinas uma imagem completa. Ficam ai uns simples e ligeiros apontamentos, até que Deus nos conceda tempo para trabalho mais amplo e rigoroso.

A. V.



Quereis um bom fato ou sobretudo para homem, senhora ou criança a pronto ou a prestações semanais com bônus?

Alfaiataria Lafões

na

Rua de S. Lázaro, 146 — LISBOA

Telefone 5 0496

Grande e variado sortido de gabardines